

**O DISCURSO GAY NA TELEVISÃO:
UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES GAYS
NAS NOVELAS**

Leonardo Antonio Soares (UFMG)

leons@rocketmail.com

CONTEXTO HISTÓRICO

O historiador William Naphy (2006) analisa as relações homossexuais de que se tem registro desde os tempos mais remotos até chegar aos dias atuais e começa por diferenciar a forma pela qual as religiões monoteístas e as politeístas vêem as relações entre pessoas do mesmo sexo. Segundo ele, a maioria das religiões politeístas apresentam deuses e deusas que se envolvem em relações com pessoas do mesmo sexo. Antes da ascensão do monoteísmo, os modelos de deuses e deusas para a adoração apresentavam imagens ambivalentes, sendo a bissexualidade quase uma norma teológica. Naphy acrescenta que o aspecto que permitia tais permutações seria a visão do sexo como algo indiferenciado, ou seja, o gênero do parceiro de um deus era de pouca ou nenhuma importância e a escolha sexual era uma questão de gosto.

Porém, é importante ressaltar que a distinção não estava relacionada ao gênero, mas sim nos papéis ativo/passivo. Num contexto social onde o sexo era visto como sinônimo de penetração cabia ao penetrador (geralmente um homem maduro) o papel de destaque.

Naphy passa a analisar a visão a cerca das relações entre pessoas do mesmo sexo em diferentes partes do mundo e começa pela Mesopotâmia, onde os atos entre pessoas do mesmo sexo eram conhecidos e tolerados e onde havia indivíduos que, devido a sua efeminização, exerciam regularmente o papel de passivos.

Na Índia, onde o politeísmo sobreviveu até os dias atuais, os deuses e deusas se relacionavam com indivíduos independentemente do gênero e assumiam papéis sexuais masculinos ou femininos. Tal ambiguidade é característica do hinduísmo e o resultado é que o sexo, a sexualidade e o gênero são susceptíveis de mudanças durante o ciclo da reencarnação e até numa mesma encarnação. Na Índia valo-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

rizava-se a amizade acima do casamento, e na filosofia indiana, as designações macho e fêmea eram criações sociais que visavam certos papéis. Os indivíduos podiam ser constituídos enquanto machos e fêmeas com base em roupas, atributos físicos etc., mas tais categorias eram artificiais e temporárias.

Passando-se do hinduísmo ao judaísmo constata-se não a rejeição à homossexualidade em si, mas o sexo e a penetração tinham por finalidade principal a procriação e, desta forma, o sexo que não se encaixava nestas condições não tinha proteção divina.

Na filosofia chinesa o sexo, também, era visto como destinado à procriação, mas por outro lado era um instrumento de prazer. A filosofia Yin/Yang preservava a essência do indivíduo e destacava a vitalidade sexual para todos. A concepção de pecado estava relacionada com a não geração de filhos, o que não impedia os homens de se relacionarem com outros homens.

O surgimento do cristianismo começou a transformar as religiões politeístas em monoteístas e o sexo por prazer foi aos poucos sendo substituído pelo sexo destinado à procriação.

Não se pode falar de relações entre pessoas do mesmo sexo sem levar em conta a Grécia Clássica, onde o amor entre homens teve papel de destaque. A pederastia ateniense e o sistema de laços entre os militares espartanos eram institucionalizados; e tais laços se baseavam no amor, amizade e emoção e eram colocados acima do matrimônio que, por sua vez, tinha como função a geração de herdeiros.

A pederastia ateniense, onde um jovem (*efebo*) era possuído por um adulto (*erastes*) estava associada à educação e a formação de cidadãos. Em muitos casos o *erastes* era selecionado pela família do *efebo* e o relacionamento constituía laços entre as duas famílias. As escolas de atletismo eram locais onde se exercia a corte entre os homens. Talvez um dos mais interessantes exemplos de amor entre homens venha de Tebas. Os tebanos eram renomados pelo seu poder militar e, de acordo com a lenda, possuíam um exército chamado de Banda Sagrada que era constituído por cento e cinquenta pares de homossexuais.

É importante considerar o impacto de tais práticas gregas em Roma. Os romanos não praticavam a pederastia e nenhum homem

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

romano poderia ser penetrado. Não havia problema em manter relações sexuais com outros homens desde que eles fossem prostitutos ou escravos e desde que os romanos permanecessem ativos. Após a incorporação a cultura grega, os romanos incorporaram suas práticas, porém com algumas adaptações, por exemplo, não havia um limite de idade para que um homem se relacionasse com outro e exercesse o papel de passivo.

Ao aderirem ao cristianismo, por volta de 390, no governo de Theodosius, O Grande, a situação mudou e registrou-se o primeiro caso de castigo corporal devido a relações homossexuais e, posteriormente, foi adotada a pena de morte para quem se envolvesse em relações deste tipo. Tais mudanças estavam relacionadas à concepção do sexo enquanto fator procriativo.

Por volta de 1350, o continente europeu se encontrava devastado pela praga e a homossexualidade masculina recebia o nome de sodomia. A igreja conseguiu convencer a população que a sodomia e a prostituição estavam estreitamente ligadas à chegada da praga, o que fez deste período uma época de perseguições e execuções.

Mais tarde, no Renascimento, a arte italiana buscou as formas masculinas de uma maneira antes vista somente na Grécia Clássica. O Renascimento (fins do século XIII e meados do século XV) foi um período de relativa abertura que se estendeu até a reforma (século XVI) com seu moralismo e culminou no Iluminismo (por volta do século XVII) um período mais liberalista. Porém, o liberalismo presenciado no Iluminismo teve seu fim no período Vitoriano (1837-1901).

Foucault (1976) argumenta que, com o advento da burguesia vitoriana, a sexualidade foi cuidadosamente confinada “dentro de casa”. A vida conjugal tornou-se o foco e a função reprodutiva do sexo uma meta a ser atingida. Os casais tornaram-se modelos, normas foram reforçadas e tudo se resumia a silêncio. Para Foucault somente em lugares como instituições psiquiátricas e bordéis havia lugar para sexualidades “ilegítimas”. Neste período, Foucault destaca que era difícil até mesmo nomear o sexo e era como se, para assumir o controle sobre ele, fosse preciso subjugar-lo a nível linguístico. Novas regras foram baixadas e passou-se a ter controle sobre o que podia ser dito, como podia ser dito e onde isto poderia ocorrer.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Já Naphy (2006) salienta que ao longo do século XIX as relações entre pessoas do mesmo sexo passaram a ser analisadas pela ciência e a medicina e foi neste contexto que o psicólogo Karoly Maria Benkert usou a termo “homossexual” pela primeira vez, se referindo à aquelas pessoas que praticavam sexo com indivíduos do mesmo sexo. De acordo com a visão científica, médica e psiquiátrica a homossexualidade era uma doença cujas causas eram anormalidades biológicas e problemas mentais. Neste período os homossexuais eram submetidos a tratamentos como a lobotomia que, segundo a crença da época, tratariam as disfunções sexuais.

Não se pode de forma alguma tratar da homossexualidade sem considerar os mais de 20.000 homossexuais que morreram nos campos de concentração nazistas, que tinham como objetivo a purificação da raça humana. Nos campos de concentração os homossexuais eram marcados pelo triângulo cor-de-rosa.

Para compreender melhor a trajetória da homossexualidade no Brasil, recorrerei a Trevisan (2007), um dos poucos autores que retrata a história da homossexualidade no Brasil Colônia de forma mais detalhada. Ele relata que vários europeus, ao aqui chegarem, ficaram chocados diante da descoberta que a sodomia ou “pecado nefando” era praticada entre os habitantes. Dentre os padres europeus que estiveram no Brasil Colônia, Trevisan destaca Manoel da Nóbrega que, em 1549, relatou aos portugueses que muitos colonos tinham índios por mulheres e, diante de tais relatos, a coroa portuguesa considerou que tais atos se deviam ao paganismo e deu início ao processo de conversão religiosa. Trevisan destaca casos de homossexualidade na aristocracia da época, sendo o mais notável o do baiano Diego Botelho que exerceu o cargo de governador da Bahia entre 1602 e 1607. Ele se relacionava com seus pajés e exercia o papel de ativo e passivo e, de acordo com depoimento de um ex-criado durante inquérito inquisitorial, Diego lhe oferecia presentes e agrados enquanto eram amantes e o levou a cometer o pecado nefando várias vezes.

Para os crimes de sodomia, neste período, bastava o depoimento de uma testemunha e as punições eram muito variadas, indo desde jejuns e orações até açoites e degredo para países da África. O crime de sodomia já se encontrava presente nas Ordenações do Rei-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

no de Portugal, em cujos livros se achavam compiladas as leis portuguesas desde a Constituição até o Código Penal e Civil. No caso específico do Brasil foram as Ordenações Filipinas que tiveram maior importância, ficando em vigor por mais de dois séculos. Segundo elas, a pessoa que cometesse o pecado nefando seria queimada, todos os seus bens seriam confiscados para a coroa e seus familiares ficariam infames.

No Estado Liberal brasileiro a situação não era diferente e tomou-se conhecimento dos altos índices de mortalidade infantil e das péssimas condições sanitárias e, com isso, a atenção se voltou para a família e viu-se a necessidade de resolver tal situação a partir de prescrições científicas, médicas e educacionais. Instituiu-se o Código Higienista e os homossexuais passaram a ser chamados de uranistas ou pederastas. O foco recaiu sobre a infância, onde se impôs uma educação onde os meninos teriam que se envolverem em atividades esportivas para que se evitasse a efeminização e, em relação à vida adulta, o pederasta receberia tratamento de choque. A homossexualidade passou a ser estudada à luz da ciência como uma anomalia que se manifestava através da preferência por pessoas do mesmo sexo.

Já bem mais tarde, nos anos 60, Trevisan passa a analisar o mundo dos espetáculos e destaca as apologias ao universo gay nas peças de Nelson Rodrigues, como o “Beijo no Asfalto”. Na música destaca-se Ney do Matogrosso que, segundo Trevisan, vendeu mais de oitocentos mil LPs devido à sua androgenia. No cinema brasileiro, a partir de 1970, os gays apareceram nas pornochanchadas e viram sua imagem associada à ridicularização. Já na televisão, apesar de ser um meio de comunicação altamente visado pela censura devido ao seu alcance, buscou-se uma exploração do universo gay e, a partir da década de 80, multiplicaram-se as personagens gays em minisséries e telenovelas. A minissérie “Malu Mulher” exibida em 1980, pela Rede Globo de televisão, foi uma das pioneiras ao tratar do assunto de forma direta. Em um episódio chamado “Uma coisa que não deu certo”, um amigo da militante Malu se descobria apaixonado por outro homem. Depois disso a presença homossexual tornou-se uma constante na telenovela brasileira por se tratar de um ingrediente polêmico e que gera audiência.

Nas telenovelas da Rede Globo, um dos casos que mais cha-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

mou a atenção foi o do casal de lésbicas da telenovela “Torre de Babel” (1998), onde duas mulheres maduras e bem-sucedidas mantinham um relacionamento homossexual estável. Devido às pressões de setores conservadores, as personagens acabaram mortas na explosão de um *shopping center*. Trevisan acredita que seja algo difícil determinar até que ponto as telenovelas prejudicam ou difundem a visibilidade homossexual, ainda que utilizem isto como maneira de fazer sucesso. Outras telenovelas da Rede Globo que exploraram a temática gay e fizeram grande sucesso: “Pedra sobre Pedra” (1992), “Por Amor” (1998), “A Próxima Vítima” (1995), “América” (2005), “Paraíso Tropical” (2007), “A Favorita” (2008).

Esta explosão de personagens e discursos gays tem sua origem bem mais profunda e, segundo Foucault (1976), começa quando, no período vitoriano, houve um controle e policiamento dos dizeres. Neste período houve o que ele chama de explosão discursiva e proliferação de discursos relacionados ao sexo. Assim, fala-se em sexo mais do que qualquer outra coisa e sempre nos convencemos de que não foi dito o suficiente. Porém, não lidamos com um único discurso, mas com uma multiplicidade deles que, por sua vez, são produzidos por uma série de mecanismos que operam a partir de instituições diferentes e que visam fins, também, diferentes. A respeito disso, Trevisan acredita que as personagens gays na televisão visem a excitação do que chama de “elite modernizada”.

O surgimento da AIDS e as campanhas de combate à doença colocaram, mais uma vez, os gays em evidência e proporcionou um debate mais aberto sobre a homossexualidade, porém tal evidência acabou levando ao que muitos pesquisadores chamam de explosão do consumo gay, que posiciona o público gay enquanto consumidores potenciais em uma economia globalizada.

BASE TEÓRICA

Gramática Sistêmico-Funcional (GSF)

Em meados dos anos 60, M.A.K. Halliday começou a desenvolver sua teoria com base em linguistas como Firth e sociólogos como Bernstein. A GSF se baseia na concepção sociossemiótica de sistema de Firth, onde uma teoria sistêmica é uma teoria de escolhas

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

em nível de significado. Sistema, neste caso, pode ser entendido como um conjunto de opções de significado inter-relacionados que servem de base para outros sistemas e subsistemas, formando uma rede de sistemas. Cada sistema da rede representa a realização de escolhas que o locutor pode fazer em diferentes níveis para a comunicação de significados. O produto final destas escolhas é o texto e é através da sua decodificação que se chega ao seu significado.

Na concepção da GSF é o uso que o falante faz da língua que modela o sistema linguístico e, desta forma, o conceito de uso é importante para a teoria. Os elementos linguísticos são analisados em produções textuais autênticas e descritos em termos da função que eles desempenham no sistema como um todo.

Ao considerarmos a língua enquanto sistema semiótico e o seu uso com um processo de construção de significado, feito com base em escolhas; o falante tem o papel ativo na seleção dos elementos linguísticos adequados a cada situação de comunicação.

Duas noções são cruciais para a GSF: contexto de cultura e contexto de situação. Para Halliday o contexto de cultura é mais amplo e abrangente do que o contexto de situação. Ele determina a natureza dos códigos produzidos em um dado espaço cultural e compartilhado pela mesma comunidade discursiva, o texto é produzido obedecendo a parâmetros definidos e enquadrado em um dado gênero que os falantes legitimam.

Já o contexto de situação diz respeito ao campo de ação imediato do evento linguístico, ou seja, aspectos linguísticos e extralinguísticos, como os papéis sociais dos interlocutores. É no contexto situacional que Halliday destaca três variáveis: campo, relação e modo. O campo se relaciona ao que é dito, ou seja, o tópico da mensagem; a relação tem haver com o tipo de relação estabelecida entre os falantes; e o modo tem haver com o a maneira que a língua está sendo usada na mensagem (escrita ou falada). Os textos refletem, deste modo, as influências do contexto, na medida em que se considera as variáveis de campo, relações e modo. O contexto age de forma que delimita e influencia os dizeres; e a forma pela qual os textos são construídos nos permite deduzir o seu contexto de produção. Assim, os falantes são moldados por convenções institucionalizadas e ideológicas que determinam a sua produção.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

As variáveis apresentadas acima estão relacionadas com as funções da linguagem que Halliday (1985, 1994; Halliday e Matthiessen, 2004) apresenta da seguinte forma:

1– para falar de experiências do mundo (inclusive mentais), descrever eventos e estados em que estamos envolvidos (função ideacional);

2– para interagir com outras pessoas, estabelecer e manter relações com eles, influenciar seu comportamento, expressar pontos de vista, elucidar e transformar as coisas (função interpessoal);

3– ao usarmos a língua, as mensagens são organizadas de forma que indiquem como elas se encaixam com outras mensagens e com o contexto como um todo (função textual).

O “ator” de processo é aquele que “faz” a ação acontecer e se considerarmos seu papel pelo viés da função ideacional, podemos dizer que é como ele se refere aos elementos do mundo. Através da função interpessoal iremos denominá-lo “sujeito” e verificar como ele negocia significados com seus ouvintes. Já na perspectiva textual iremos analisar o falante incluso no Tema irá organizar os vários grupos de orações na sentença.

Assim teremos:

Função	João	trouxe	um presente para Ana.
Ideacional	Ator	Processo	Meta
Interpessoal	Sujeito	Predicador	Complemento
Textual	Tema	Rema	

Em todas as produções linguísticas escritas ou faladas existe uma simultaneidade funcional, ou seja, as três funções ou metafunções estão presentes. A sua separação só se justifica por fins analíticos.

Para Thompson (2004) os fatores sócio-culturais influenciam ou determinam aquilo que é expresso através da língua. As coisas são ditas somente em determinados contextos e ele cita Halliday que dá o nome de “registro” à variação que ocorre de acordo com o uso, ou seja, usamos certas configurações linguísticas em certos contextos.

Thompson ainda define gênero através da seguinte equação:

$$\text{Gênero} = \text{registro} + \text{propósito}$$

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Neste artigo pretendo tratar apenas da metafunção ideacional e, por isso, irei explicá-la mais detalhadamente.

Segundo Thompson (2004) assim como usamos a língua para interagir com o outro, usamos para falar do mundo, seja ele externo (coisas, eventos, qualidades) ou interno (pensamentos, crenças, sentimentos). Ao direcionarmos este olhar sobre a língua estamos focando o conteúdo da mensagem ao invés do propósito que levou o falante a confeccioná-la. Na perspectiva ideacional, a língua comporta uma série de recursos que se referem à entidades do mundo e a maneira pela qual elas agem ou se relacionam umas com as outras.

Thompson identifica grupos verbais que indicam ações físicas (seguir, esperar, ligar, deixar, andar etc.); verbos que expressam sentimentos e percepções (sentir, ver, ouvir etc.); verbos de fala (dizer); verbos que expressam experiências internas (decidir, pensar etc.); e o verbo ser (é, era).

Desta forma, Thompson sintetiza os processos no seguinte quadro:

Tipo de processo	Significado	Participantes
P. Material	fazer/acontecer	Ator/Meta/Beneficiário
P. Mental	sentir/perceber/ pensar/querer	Experienciador/Fenômeno
P. Relacional	ser/estar	Portador/Atributo
P. Verbal	dizer	Dizente/Recebedor /Verbiagem/Alvo
P. Comportamental	comportar	Comportante/Circunstância
P. Existencial	existir	Existente

A respeito do uso de modalizadores, Eggins (1994) afirma que partir de uma oração declarativa podemos dizer se o locutor tem ou não dúvida quanto ao seu enunciado como, por exemplo, na oração: “João é o professor”. Já em enunciados como “João pode ser o professor.”, o locutor se coloca distante da verdade expressa na proposição e manifesta incerteza quanto ao fato relatado. Tal afastamento expressa um não comprometimento do falante com relação à verdade contida em seu enunciado.

Halliday (1994; 2004) identifica quatro tipos de modalidade: a probabilidade, a habitualidade, a obrigação e a inclinação. A probabilidade tem haver com o grau de certeza que um evento pode o-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

correr e a habitualidade se relaciona com a frequência que algo acontece. Ele aponta graus de probabilidade (possível, provável, certo) e graus de habitualidade (às vezes, normalmente, sempre). Quando a modalidade está associada a obrigações e inclinações a modalização se denomina modulação.

A modulação está associada ao grau de confiança do locutor no eventual sucesso da troca. Nas ordens, ela está relacionada com a obrigação de seu cumprimento; nas ofertas, ela se refere à inclinação em aceitá-las ou recusá-las. Na escala de obrigação existem: permitido, supostos e exigido; na escala de inclinação teremos: inclinado, desejoso e decidido.

Assim, a modalização envolve diversos graus ou escalas. O locutor pode demonstrar maior ou menor grau de certeza com relação à validade de uma proposição, ou pode exercer maior ou menor grau de pressão para que uma ordem seja cumprida. Encontramos os níveis de valores modais (alto, médio, baixo) que estão relacionados com o grau de comprometimento do locutor em relação ao seu enunciado. Halliday ainda acredita que em qualquer evento discursivo, o locutor pode optar por exprimir claramente sua postura com relação ao que ele está dizendo ou objetivá-la. Encontramos então as modalidades subjetivas (ex. Eu estou certo que isto é verdade.) e objetivas (ex. Certamente é verdade.). O estudo da modalidade nos permite perceber métodos a que os locutores recorrem para amenizar ou mascarar o seu comprometimento no evento discursivo.

A cerca da modalização, Thompson (2004) destaca que o uso de modalizadores em histórias indica que estamos vendo os eventos não sob o ponto de vista de um narrador onisciente, mas como uma personagem dentro da história. Desta forma teremos um ângulo de visão menos restrito dos fatos, abrindo uma gama de possibilidades para o leitor.

Segundo Hodge e Kress (1988) na comunicação do dia a dia percebe-se o peso que é colocado em determinadas palavras. Palavras como “pode” ou “poderia” são os modalizadores linguísticos. A modalização aponta para a construção ou contestação de sistemas de conhecimento, ela fornece um componente crucial para ao processo complexo que visa estabelecer os sistemas hegemônicos. Os marcadores de modalidade incluem suposições a cerca de produtos, men-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

sagens e sobre disponibilidade de representações da realidade.

A respeito das narrativas, incluindo neste caso as novelas, Hodge e Kress acreditam que elas representam uma forma de organizar e apresentar o discurso. Sua estrutura característica carrega importantes mensagens. As narrativas ligam eventos em cadeias sequenciais e casuais com um início, meio e fim. O que representa significantes de coerência, ordem e fechamento. Ideologicamente é tal estrutura que certas sociedades usam para reproduzirem seus valores e sistemas. Através das narrativas, podem-se dar fronteiras a eventos e processos que visam rupturas, colocando-os dentro de orações discretas, limitando sua força de transformação. Eles acreditam que as novelas possuem uma forma específica que varia de tempos em tempos.

ANÁLISE

A telenovela “A Próxima Vítima” foi produzida pela Rede Globo exibida de 13 de março a 04 de dezembro de 1995. Foi escrita por Sílvio de Abreu, Alcides Nogueira e Maria Adelaide de Amaral.

Na trama, Francesca Ferreto descobre a traição praticada por seu marido Marcelo por 20 anos. Eles mantêm um romance e uma segunda família com Ana, dona da cantina italiana e mãe de Júlio, Sandrinho e Carina. Marcelo é executivo do Frigorífico Ferreto, cujas donas são as irmãs Ferreto: Filomena, Carmela e sua mulher Francesca.

Por se tratar de uma história policial, a novela se inicia com a morte de Paulo Soares, desencadeando uma série de outros assassinatos, inclusive o suposto assassinato de Francesca, que retorna no final da história para revelar a chave de todo o mistério.

Neste contexto policial, a novela trouxe outros temas que geraram polêmica e discussão como o uso de drogas, o homossexualismo, a prostituição por opção, o amor entre e pessoas de faixas etárias diferentes etc. A relação homossexual se dá entre Sandrinho, filho mais velho de Ana e Marcelo; e Jefferson, filho de Kleber e Fátima e pertencente a uma família de negros de classe média alta.

A partir da transcrição dos capítulos 01 a 10 da novela, da se-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

leção de diálogos onde o discurso gay foi mais relevante e com base na GSF, pude elaborar a seguinte análise:

A Próxima Vítima

Capítulo 3: Júlio, irmão de Sandrinho:

Não	sou	perfeito	como você.
	P. Relacional atributivo	Atributo	Circunstância

Capítulo 4: Irene diz a Jefferson sobre Sandrinho:

Eu	achei	ele o máximo.
Experienciador	P. Mental	Fenômeno

Capítulo 6: Sandrinho diz a Jefferson sobre Irene:

Eu	podia	ter dado uns amassos	nela.
Ator	Modalizador	P. Material	Meta

Capítulo 8: Marcelo, pai de Sandrinho diz a sua mulher, Ana:

Que	filhos legais	a gente	tem,	Ana.
	Atributo	Portador	P.Relacional	

Capítulo 10: Marcelo, pai de Sandrinho, diz a ele em conversa:

Você	é	a pessoa mais importante pra mim.
Valor	P. Relacional	Token (característica)
Você	é	homem como eu sou.
Valor	P.Relacional	Token (característica)

A partir da dos elementos fornecidos pela análise constatei:

Processo	Número de ocorrências
P. Material	1
P. Relacional	4
P. Mental	1
P. Verbal	0
P. Comportamental	0

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Existe uma predominância do Processo Relacional em orações como “Você é homem como eu sou.” e tal processo serve para caracterizar e identificar, podendo estar relacionado com experiências internas ou externas. Podemos dizer que as personagens gays recebem atributos ou valores das outras personagens. Assim, por exemplo, na oração dita por Júlio, irmão de Sandrinho, percebe-se a maneira pela qual as outras personagens enxergam os gays na novela, nós levando a pensar se esta não foi uma forma encontrada pelo autor de livrar as personagens do estigma social, apresentando ao telespectador apenas suas características positivas:

Júlio: “*Não sou perfeito como você.*”

Nas orações extraídas da novela, contata-se apenas uma ocorrência do Processo Material, o que denota que a intenção do autor não era de mostrar personagens ativos atuando sobre o mundo à sua volta; por outro lado constata-se a presença do Processo Mental, nos remetendo a personagens capazes de falar e refletir a cerca do mundo à sua volta e, como existe apenas uma ocorrência, podemos dizer que tais personagens não refletem ou falam muito do mundo ao seu redor.

Ao considerarmos o contexto sócio-histórico e econômico do período, vê-se que os gays mostrados na televisão e mesmo os do mundo real ainda não possuíam voz ativa e nem o direito de expressar suas opiniões e preferências de forma direta. Eles recebiam atributos e valores sociais e eram constituídos apenas pelo olhar do outro.

Já na oração “Eu podia ter dado uns amassos nela”, além do Processo Material, encontramos um modalizador (podia), que coloca o telespectador como uma personagem da história e faz com que ele automaticamente se pergunte:” E por que não o faz?” A ocorrência do Processo Material na oração, dita por Sandrinho a Jefferson sobre a amiga Irene, nos remete a um olhar heterossexual e, portanto, ativo da personagem gay.

Segundo Sell (2006) como a identidade se forma a partir da relação dialética Eu-Outro, a identidade homossexual se estabelece com relação à heterossexualidade. A formação da identidade homossexual se dá com relação a padrões aceitos como ideais, tomando como base um comportamento masculino desejável. A aprendizagem dos papéis masculino/feminino se faz em, primeiro lugar, por imita-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

ção. O diferente passa a ser entendido como anormal.

AMÉRICA

“América” foi uma telenovela produzida pela Rede Globo, e exibida de 14 de março a 05 de novembro de 2005 e foi escrita por Glória Perez.

A novela contou a história de Sol, uma garota do subúrbio carioca que se vê atraída pelas promessas do sonho americano e investe na tentativa de imigrar para os Estados Unidos, onde acredita existir melhores condições de vida do que no Brasil. Depois de ter o visto negado várias vezes, ela apela para coioetes e decide entrar no país, ilegalmente, através do México. Ela aceita levar uma encomenda para a suposta mãe de um dos atravessadores e acaba presa pela polícia americana sob a alegação de imigração ilegal e porte de drogas. Ela é mandada para a prisão de onde consegue fugir. Na fuga ela conhece Ed, noivo de May, que aceita casar-se com ela para que ela possa permanecer no país, em troca de um pagamento que lhe permitirá pagar a edição de seu livro. No Brasil está Tião, peão apaixonado por Sol, que vai se tornando famoso no mundo dos rodeios.

Neste contexto três assuntos polêmicos foram debatidos: o universo dos deficientes visuais, a cleptomania e o romance gay. O romance gay acontece entre Júnior e Zeca. Júnior é filho da viúva Neuta que, por sua vez, é madrinha de Tião e dona do boi bandido, animal que nenhum peão jamais conseguiu montar. Neuta contrata Zeca para tomar conta do animal e Júnior se vê envolvido por ele.

Júnior possui um casamento de fachada com Maria Elis que foge por ter se apaixonado por um outro peão e deixa para traz o seu filho Sinvalzinho que Neuta acredita ser filho de Júnior. O romance gay se dá em um ambiente de dominação masculina.

Após a transcrição dos capítulos 193 a 2003 e a escolha das orações, foi possível a seguinte análise com base na GSF:

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Capítulo 193: Júnior diz a sua namorada Kerry:

Eu	tô me sentido	envolvido.
Experienciador	P. Mental	Fenômeno

Capítulo 194: Júnior diz a Zeca:

Se	eu	pudesse	escolher...
	Experienciador	Modalizador	P. Mental

Por que é difícil	a gente	sentir	o que não devia?
	Experienciador	P. Mental	Fenômeno

Capítulo 196: Neuta, mãe de Júnior, diz a ele:

Para que	você	tivesse	um exemplo de pai.
	Experienciador	P.Relacional	Atributo

Capítulo 197: Zeca diz a Júnior:

Você	pode	ser	você mesmo.
Portador	Modalizador	P.Relacional	Atributo

Maria Elis, ex-mulher de Júnior, diz a ele:

Não	tem	nada demais	ser gay!
	P. Relacional	Circunstância	Atributo

Capítulo 199: Júnior diz para sua mãe:

Mãe	eu	tô apaixonado	pelo Zeca!
	Experienciador	P. Mental	Fenômeno

Eu	não aguento	mais	gostar das coisas que eu não gosto.
Experienciador	P. Mental	Intensificador	Fenômeno

Capítulo 202: Júnior diz a sua mãe:

Eu	não aguento	mais	ser o que não sou.
Experienciador	P. Mental	Intensificador	Fenômeno

Capítulo 203: Júnior diz a sua mãe:

Eu	nasci	gay.
Comportante	P. Comportamental	Atributo

Assim teremos o seguinte quadro:

Processo	Número de ocorrências
P. Material	0
P. Relacional	3
P. Mental	6
P. Verbal	0
P. Comportamental	1

Existe uma predominância do Processo Mental, ou seja, as personagens gays falam e refletem a cerca do mundo ao seu redor, agindo sobre ele e buscando transformá-lo a partir de sua visão e sentimentos, o que pode ser constatado em orações como: “Eu não aguento mais ser o que eu não sou.” ou “Eu quero ser o que sou.”

Por outro lado ainda existe a ocorrência de Processos Relacionais (3), onde podemos constatar a predominância de adjetivos positivos, onde a palavra gay perde seu peso social de estigma e se transforma em atributo: “Não tem nada demais ser gay!”.

Em orações como “Você pode ser você mesmo.”, constatamos a presença do modalizador que tem como função fazer o telespectador se colocar no lugar de Júnior e escolher entre as possibilidades que lhe são apresentadas: assumir sua homossexualidade ou continuar sofrendo em silêncio.

A grande ocorrência de Processos Mentais nos faz pensar na imagem gay que a televisão deseja construir em um mundo globalizado que necessita cada vez mais de consumidores. Ao compararmos o discurso gay apresentado em “América” como o discurso gay em “A Próxima Vítima”, detectamos que na análise das orações extraídas da primeira houve apenas uma ocorrência de Processo Mental e na segunda foram seis, demonstrando que os gays ganharam voz e o direito de expressarem seus sentimentos e preferências. Apesar do direito de se expressarem conquistado pelos gays na novela, sente-se nas orações de Júnior o peso da cobrança social: “Por que é tão difi-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

cil a gente sentir o que não devia?”. Existem, assim, dois discursos que se cruzam e levam o telespectador a optar entre a visão social mais tradicional e preconceituosa onde ser gay representa o descrédito social e a visão de que ser gay não tem nada de demais e o que realmente importa é alcançar a felicidade a partir daquilo que lhe foi dado. Existe na verdade um embate entre a identidade social e a real.

Com relação à transformação do estigma em atributo e a identidade social e real, Goffman (1988) distingue dois tipos de identidades: a social virtual e a social real. A social virtual é constituída a partir de “exigências” feitas aos indivíduos, demandas e ao caráter que imputamos a ele. A identidade social real corresponde aos atributos que os indivíduos na verdade possuem. Há discrepâncias entre os dois tipos de identidade e sendo assim um indivíduo poderá ser enquadrado em uma categoria e mais tarde ser reclassificado. Quando a discrepância entre as identidades virtual e real é conhecida, ela pode estragar a identidade social do indivíduo, afastando-o da sociedade e tornando-o uma pessoa desacreditada.

Já o termo estigma é usado por Goffman em referência a um atributo profundamente depreciativo e se encontra entre o atributo e o estereótipo. Ele aponta três tipos de estigma:

- 1– as deformações físicas;
- 2– as culpas de caráter individual como distúrbios mentais, vícios, homossexualismo, desemprego etc.;
- 3– os estigmas tribais de raça, religião, nação etc. que podem ser transmitidos por uma linhagem.

Assim, através da comparação entre as duas análises foi constatada uma mudança significativa na forma pela qual a telenovela busca retratar os gays e seu universo. Tal mudança pode ser mais claramente identificada a partir do discurso analisado. Podemos dizer que a mídia, neste caso específico as novelas, tem procurado acompanhar as mudanças sociais e tentado promovê-las por meios discursivos.

CONCLUSÃO

Através da análise de orações extraídas das duas telenovelas ficou constatado que há uma diferença entre discurso gay apresentado na telenovela “A Próxima Vítima”, 1995 e o discurso gay apresentado em “América”, 2005. Na primeira os gays não possuíam o direito de se expressarem e recebiam atributos por parte das outras personagens. Tais atributos traziam implícitas a ideologias patriarcalistas, mas que mesmo assim tentavam mostrar a homossexualidade como algo natural, porém sem debatê-la mais a fundo. No segundo caso, os gays continuaram a receber atributos por parte das outras personagens que traziam em seus discursos os ideais patriarcais e preconceitos sociais e ainda eram mostrados através da lente da heterossexualidade, porém ganharam o direito de se expressar e afirmarem suas preferências, podendo assim, optar por escolher uma determinada identidade frente a gama delas no mundo globalizado.

Ao criarem tais personagens, os autores lhes dão voz e buscam uma interação com um público por eles visado, na segunda telenovela analisada, “América”, podemos dizer que a autora mostra uma evolução da personagem que começa indeciso quanto à sua sexualidade e termina por assumir-se gay.

É verdade que a cada nova telenovela nos defrontamos com casais gays que, de acordo com a visão dos autores, diretores e, sobretudo da filosofia institucional da emissora, desempenham papéis e ocupam espaços cada vez maiores, porém me amparo nas palavras de Trevisan (2007) que afirma não saber com exatidão se tais representações prejudicam ou dão visibilidade aos homossexuais e se tal visibilidade é positiva ou negativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e a filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. London: Continuum, 1994.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity, 1994.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

- . *Media Discourse*. London: Hodder Arnold, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2007.
- . *History of Sexuality*, vol. 1: The Will to Knowledge. London: Penguin, 1976.
- . *Vigiar e punir*. 34ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- HALLIDAY, M.A.K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1994.
- HODGE, Robert; KRESS, Gunther. *Social Semiotics*. New York: Cornell University Press, 1988.
- KRESS, Gunther; LEEUWEN, Theo van. *Reading Images*. New York: Routledge, 2006.
- NAPHY, William. *Born to be Gay: a History of Homosexuality*. London: Tempus, 2006.
- SELL, Teresa Adada. *Identidade homossexual e normas sociais: Histórias de vida*. Florianópolis: UFSC, 2006.
- THOMPSON, Geoff. *Introducing Functional Grammar*. London: Hodder Arnold, 2004.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- VIEGAS, Marlene. *Aspectos sistêmico-funcionais da mudança linguística em cartas familiares do early modern english*. Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2004.